

RESENHA

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 103 p. Título original: The question of cultural identity.

Jussara Francisca de Assis

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC - RJ

E-mail: assisjussara@ig.com.br



Natural de Kingston – Jamaica, nascido em 03 de fevereiro de 1932, Stuart Hall, vive na Grã-Bretanha desde 1951. Em suas obras o autor remete-se a experiência pessoal diaspórica. Professor de sociologia da Open University de 1979 a 1997, Stuart Hall publicou *The Hard Road to Renewal* (1988), *Resistance Through Rituals* (1989), *The Formation of Modernity* (1992), *Questions of Cultural Identity* (1996) e *Cultural Representations and Signifying Practices* (1997). Dialoga com teóricos culturais contemporâneos e apresenta um engajamento marxista.

Stuart Hall chama a atenção para a discussão em torno da chamada “crise de identidade” que vem fazendo com que o sujeito tido como unificado se apresente deslocado por conta das transformações societárias ocorridas em escala global. Inicia o livro passeando pelos conceitos de identidade ilustrando que o sujeito do Iluminismo tinha como base o conceito de centralidade na pessoa humana e sua racionalidade. Já o sujeito sociológico seria caracterizado por sua capacidade de interação com o mundo e o sujeito pós-moderno seria composto por várias identidades.

Ao tratar das características de mudança da modernidade tardia, em especial a globalização, o autor lança mão de Marx e Engels, Anthony Giddens, David Harvey e Ernest Laclau para enfatizar que as sociedades modernas não contam com um centro

articulador e organizador o que Laclau chama de “deslocamento” (várias possibilidades de poder). Neste sentido, o conceito de identidade passa a ter caráter diferenciado em relação à identidade iluminista e sociológica, já que desarticula estabilidades e possibilita o surgimento de novas identidades que na visão do autor são abertas, contraditórias, plurais e fragmentadas (sujeito pós-moderno). Cita Marx, Freud, Lacan, Saussure e Foucault como grandes colaboradores do descentramento do sujeito, já que através dos seus diferentes pontos de vista colocam as variadas possibilidades identitárias do indivíduo.

Stuart Hall ressalta o impacto causado pelo feminismo não só no campo teórico, mas especialmente, como movimento social que, segundo ele, caracterizou-se como um dos principais descentramentos dos conceitos de sujeito iluminista e sociológico. Além disso, o autor afirma que o feminismo é um dos novos movimentos sociais que politizou a identidade feminina e contribuiu de forma importante para a contestação do *status quo*.

Ao tratar as culturas nacionais como comunidades imaginadas Hall ilustra o sujeito fragmentado e suas identidades culturais. De acordo com o autor, nação pode ser entendida como um sistema e representação cultural que extrapola a noção de legitimidade do ser social, pois as pessoas não são apenas cidadãos, já que partilham uma gama de significados (narrativas, estratégias discursivas, mitos fundacionais). Deste modo, os diferentes membros das culturas nacionais, independentemente sua raça, classe e gênero seriam unificados numa única identidade cultural. Stuart Hall questiona esta noção unificadora da cultura nacional, afirmando que grande parte das nações foram formadas por um processo violento de conquista de diferentes povos, de diversas classes sociais, assim como diversas etnias e gêneros.

Um ponto importante tratado pelo autor refere-se à raça. Segundo Hall, raça não é uma categoria biológica, logo não tem validade científica. No entanto, é uma categoria discursiva que abarca formas de falar, práticas sociais, características físicas etc. Se a grande maioria das nações é formada por diversos povos é um equívoco dizermos que raça determina a nacionalidade. Daí, Stuart Hall coloca que as identidades nacionais são passíveis do jogo de poder e das contradições internas, já que contam com significativa diversidade em suas composições.

O autor dialoga com Anthony McGrew (1992) para enfatizar que a globalização se caracteriza por sua transversalidade nas fronteiras nacionais tornando o mundo mais unificado. Assim, suas conseqüências sobre as identidades culturais são a da homogeneização cultural pós-moderna, manifestações de resistência à globalização por identidades nacionais e locais e decadência das identidades nacionais possibilitando o

advento das novas identidades. Todavia, autor aponta que a idéia de homogeneização das identidades é muito simplista e apresenta três contratendências: 1) A fascinação com a diferença; 2) A globalização é distribuída desigualmente e 3) Ocidentalização da globalização (as formas de vida ocidentais que ditam as regras para o restante do mundo).

A outra face da globalização, segundo Hall, diz respeito ao efeito pluralizador das periferias onde a Tradição caracterizada pela estabilidade é desafiada pela Tradução Cultural onde é possível ter o fortalecimento de identidades locais ou à nova produção de identidades.

Ao falar de fundamentalismo, diáspora e hibridismo o autor nos apresenta as contradições inerentes a estes fatos. De um lado, alguns crêem que hibridismo e sincretismo são importantes fontes criadoras de novas culturas. Outros, afirmam que o relativismo que envolve o hibridismo tem seus custos e quanto ao fundamentalismo, Hall traz à tona o fato da tentativa de reconstrução de identidades purificadas baseadas no aprofundamento da tradição. Deste modo, Hall encerra sua obra colocando que a globalização produz deslocamentos variados e contraditórios e que, embora de forma paulatina, a globalização pode estar contribuindo para o descentramento do Ocidente.

A contribuição trazida por Stuart Hall neste livro é de tamanha importância para refletirmos como a globalização influencia na formação das identidades culturais. O conceito de descentramento pode ser apropriado por vários campos do conhecimento. Para o Serviço Social, em específico, é de fundamental importância conhecer tal conceito para se compreender como surgem os novos movimentos sociais, sobretudo, o feminismo, movimento que contestou politicamente o patriarcalismo e demais formas de dominação. Assim, a leitura desta obra estimula a reflexão e a tentativa de compreensão do sujeito pós-moderno através de sua identidade cultural.